

La trilogia de los cuatro discursos (¿una resenha?)¹

The trilogy of the four discourses (¿a review?)

YUREVICH, R. E. *La trilogia de los cuatro discursos*. Buenos Aires: Gramma Edtiones: 2012.

*Henrique Garcia Sobreira**

Seria muy difícil hablar de discurso
si no hablásemos de semblante.
(YUREVICH, 2012, p. 22)

A publicação que está em tela nesse texto foi o resultado da degravação de Seminários de Transmissão realizados pela autora (Rosa Edith Yurevich) entre 17 de Março de 2010 e 6 de outubro de 2011, aos quais foram adicionadas as contribuições de outros três colegas e posteriormente apresentadas no Seminário Anual do Centro de Investigación y Estudios Clínicos no Hospital Neuropsiquiátrico de Córdoba em 2012. Antes de passar às contribuições dos colegas argentinos, creio que uma breve revisão do que são os Quatro Discursos propostos por Jacques Lacan pode ser útil para a melhor fruição dessa resenha pelos interessados na obra do psicanalista, independentemente do nível de contato que tenham com ela.

Preâmbulo: Os Quatro Discursos

O matema (ou algoritmo) dos quatro discursos foi construído a partir de

1. Esse texto nasceu da ideia de apresentar uma resenha do livro de YUREVICH, R. E. *La trilogia de los cuatro discursos*. Buenos Aires: Gramma Edtiones: 2012. Mas como em outras coisas na Psicanálise (e no Governo e na Educação) me pareceu impossível alcançar o ponto de chegada tal como planejado no começo. Para registrar esse caminho preferi mesclar o português com a pontuação em espanhol inserindo a pergunta sobre a modalidade do texto em seu próprio título. Todas as citações (exceto a da Nota 2) foram marcadas a partir do livro que foi objeto desse estudo.
* Membro associado em formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ)

quatro pontos fixos em situação de rotação e deslizamento de acordo com o esquema²:

| | |
|---------------|--------------|
| <u>agente</u> | <u>outro</u> |
| verdade | produção |

Esses pontos fixos, nos discursos, serão ocupados pelos significantes:

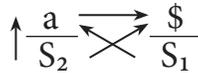
S1 — significante-mestre,

S2 — significante do saber

\$ — significante do sujeito barrado

a — significante do objeto causa do desejo ou o mais-gozar

Dessa forma a rotação e deslizamento desses significantes pode ser representada pela seguinte figura:



1. Discurso do Mestre (DM), cujo agente pretende fazer o outro agir, tomando como semblante a volição ou norma o poder, o comando, a vontade própria. A relação de autoridade é a que domina:

$$\frac{S_1}{\$} \longrightarrow \frac{S_2}{a}$$

2. Discurso da Universidade (DU), cujo agente pretende fazer o outro crer irrestritamente, tomando como semblante o saber construído. A tirania do saber a todo e qualquer preço é a que domina

$$\frac{S_2}{S_1} \longrightarrow \frac{a}{\$}$$

3. Discurso da Histérica (DH), cujo agente pretende instigar no outro a produção de um saber sobre algo catexizado (investido libidinalmente). O sujeito da interrogação acerca do desejo ou da verdade faz o outro não só querer

2. O que se segue pode ser encontrado em diversas publicações, mas a síntese que aqui esta se baseou em RICHTER, M.G. *Lacan e a teoria dos quatro discursos*: por uma ética da diferença na educação. Disponível em <<http://jararaca.ufsm.br/websites/l%26c/download/Artigos12/marcos.pdf.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2025.

saber (e acompanhar o saber em ação), como também ele próprio produzir “seu” saber.

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

4. Discurso do Analista (DA), cujo agente pretende instigar no outro a produção de um agir sobre o repositório de significantes da cultura; apaga-se (em semblante) como sujeito, ou seja, como quem conduz o encadeamento semiótico neste ou naquele sentido, para ser objeto causa do desejo/processo libidinal (para despertar no outro assujeitado e castrado a busca de sua trajetória singular da produção de sentido)

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

Isso posto é necessário voltar à articulação que esses quatro discursos fazem entre si em um novo dispositivo que pode ser chamado de “matema completo”:

| | |
|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <p>Mestre</p> $\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$ | <p>Universitário</p> $\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$ |
| <p>Histórica</p> $\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$ | <p>Analista</p> $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$ |

A trilogia e os discursos

A trilogia aparece nos Seminários 16 (*De um ao Outro*), 17 (*O avesso da Psicanálise*) e 18 (*De um discurso que não fosse Semblante*). No primeiro encontro (17 de Março) a autora apresenta sua opinião resumida sobre esses três Seminários. Mas em vez de uma sequência natural, vale notar que a sua percepção sobre a centralidade do Seminário 17 a faz tratá-lo depois de apresentar das

observações sobre os outros dois seminários. Alerta contra as confusões entre “o Mestre” e o “discurso do mestre”, o pertencimento como “Universitário” e o “discurso universitário”, mas aceita a tendência de confundir a “modalidade clínica da histeria” com o “discurso da histérica”. São discursos sobre “um lugar”, lugares não-conversíveis entre si (a despeito do que o matema completo com os quatro poderia sugerir devido a rotação e deslizamento entre os significantes na sua construção e exposição). O “discurso do analista” é uma exceção devido a posição de domínio que nele ocupa o “objeto a”, que significa, a princípio, a exclusão da noção de êxito que está presente nos outros três.

Mais adiante Yurevich nos recorda que para Lacan, em primeiro lugar o discurso será:

... un artefacto, lo que significa que es algo creado por el humano. Un artefacto que se basa en una estructura necesaria ya que posibilita la emergencia de lo real (YUREVICH, 2012, p. 28)

Os quatro discursos (que abrem a porta para o último ensino de Lacan) por localizarem a estrutura do sujeito que, por sua própria vontade, decide entregar-se a um analista cujo trabalho (se escapar da idealização imposta pela pergunta “o que é um analista?”) passa a ser a direção da cura ou do tratamento. O discurso é uma forma de tratamento do real, mas uma forma na qual, sob a estrutura, há a chance do improvisado, como bem o fazem os músicos que possuem uma técnica apurada em sua performance a partir da pauta original. Assim, cada forma de discurso possui a possibilidade de seu avesso. Lacan usa como metáfora a diferença entre sítio e lugar. O sítio seria correspondente ao Hipódromo e o lugar são as raiais em que cada cavalo vai estar, no início. Os lugares são fixos, os significantes giram. Assim o matema básico (Agente/Outro/Produção/Verdade) ganha novas cores no Seminário 18:

Agente/Semblante/Lugar não-nomeado

Outro/Gozo.

Verdade/Aparência/Mentira

Produção/mais-de gozar

De acordo com o elemento que ocupa o lugar de semblante podemos dizer sobre qual discurso estamos falando. Por exemplo:

De allí que cuando uno encarna un discurso, siempre desde el lado de semblante, significa que eso está y no está al mismo tiempo. El analista puede hacer el semblante de amo, lo que considera-

mos que no seria lo adecuado es ser un amo, del orden del ser com el semblante de amo, es posible poner un orden, evitando asi el caos (YUREVICH, 2012, p. 30).

A experiência analítica surge quando algo que até ali funcionava, torna-se disfuncional. A partir do encontro com o analista há a possibilidade de se estabelecer no sujeito um enigma. É a contingência da diz-mansão (dit-maison) a casa em que reside a verdade meio-dita, a verdade sempre mentirosa, pois por mais que o simbólico almeje tocar o real, só o pode fazer por meio do semblante e isso é uma construção que nunca logra captar o todo.

Há discurso quando o falante está animado pela linguagem, pois é ela que intervém como organizador do laço social. Considerar a linguagem como estrutura é considerar a existência do Outro como lugar do tesouro dos significantes o “enxame” (*essain* como está no Seminário 20). *El camión de Lacan vá desde el lenguaje al inconsciente. Desde que se supone lo sabido que es el lenguaje a lo non sabido que es el inconciente (p. 37).*

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Yurevich enfatiza o fato que por baixo das barras que estão no Discurso do Mestre podemos perceber o matema do fantasma: $\$ \diamond a$. O paciente se entrega ao analista pela via do Ideal (“o trabalho do analista vai me ajudar a ser o que eu não sou”). Mas no Discurso do analista (acima da barra) está o avesso disso: $a \diamond \$$. Há um desencanto na descoberta desse atravessar do fantasma (ela enfatiza: mais do que isso, o perfurar) na posição de analizante.

A sutil diferença entre o Discurso do Mestre e o Discurso Universitário é que se o primeiro é igual ao discurso do inconsciente (e por isso uma progressão, um trabalho em ação até o seu avesso), o segundo é uma regressão instalando um nova tirania que é a do saber: *Sino es el todo saber, y como tal se impone en la sociedad* (p. 48). O Discurso Universitário surgiu diante do declínio do Nome do Pai e é sustentado no saber, sustenta a impostura da verdade que é, diante de tal declínio, deve se estabelecer a burocratização (tudo precisa ser legislado) de todo conhecimento.

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

O Discurso Universitário também é o avesso do Discurso da Histórica³, uma vez que no lugar do agente está o \$ que se dirige ao Outro que sabe (S1), ou melhor o sujeito suposto saber (alguém que vai a dizer o que ela é como objeto do desejo do Outro). O Discurso Universitário não se circunscreve na instituição universitária nem em suas leis, refere-se àquele onde a questão paradoxal é que quanto mais sabemos, mais nos tornamos obscuros (“Eu o sei”). O Discurso Universitário (para todos) é uma forma arbitrária que encobre o Discurso do Mestre e gera fascinação aos que detestam, por estrutura, o Discurso do Analista (que representa a singularidade do sujeito como um não-todo).

Para destacar a produção do Discurso Universitário Lacan cria os neologismos em francês “*atudié*” e “*atudiant*”, traduzíveis para o espanhol como “*astudado*” e “*astudante*” (e suas formas similares em português “astudado” e “astudante”) em que um “s não barrável” da língua corroe um pouco a beleza da construção a (objeto a)+etudié/etudiant. O produto do Discurso Universitário é um tipo especial de \$, um “\$ atudié”, digamos, um tonto um “\$ astudado”.

Ao final da aula de 05/05/2010 e em boa parte a aula seguinte (04/08/2010) Yurevich desenvolve com mais atenção o mistério/compromisso que enuncia em sua “primeira aula”... *intentando que el lugar de enseñante lo oriente desde la posición de analizante* (p. 18). O Discurso Universitário supõe-se capaz de vencer a divisão do sujeito lançando mão da consigna: quanto mais saber, mais poder. A transmissão/ensino de psicanálise só escapa do Discurso Universitário a partir do lugar de não-saber a ser ocupado pelo seu professor.

Incluso uno puede dar otra definición del discurso universitario, como un intento de manifestar por escrito a un saber que, por esencia es de no transmitirse por lo escrito, la experiencia analítica, No porque no se la pueda escribir, sino porque en la experiencia analítica el saber pasa por otro lado. (YUREVICH, 2012, p. 53)

O ensino sob o Discurso Universitário é o ensino para dominar. É o conhecimento universitário que acredita poder separar o saber do gozo, tal qual supõem fazer as pedagogias e as didáticas. Pelo avesso, um ensino que não almeje dominar, precisa localizar o seu ensinante em posição semelhante à do analisante: o lugar de um não-saber. Ao contrário da segurança propiciada pela Coruja de Minerva é necessário orientar-se pelo Morcego de Hegel. De

3. Discurso da histórica:

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

acordo com a autora, Lacan se encontrava em posição de analisante em seus seminários:

El iba dividido a dar una clase, y creo que todos venimos divididos a dar un clase (...) lo que nos salva es aceptar la posición de analizante desde la primera a la última clase (YUREVICH, 2012, p 55).

Estar na posição de analisante significa que o sujeito conserva o enigma em si mesmo, uma posição de deixar-se explorar. Uma posição desarticulada do “para todos”, que é própria ao Discurso Universitário. Essa é uma questão central quando o que se trata é a formação do analista. Uma vez que se trata da diferença entre o que se ensina e o que se transmite, afinal de contas o que excede o que se ensina é o que se transmite. Esse excesso não é organizável didática ou pedagogicamente, não é controlável nem previsível e muito menos avaliável.

Continuando con el discurso histórico. Diremos que em este encontramos al sujeto por excelencia. Miller lo explica em su “Extimidad”. Allí lo califica al sujeto como sujeto del deseo, el sujeto signifiante y como decíamos, em el lugar de la verdad se encuentra el objeto. Si bien aparece como sujeto barrado, su verdad es el objeto. Un objeto que es próprio del sujeto. (YUREVICH, 2012, p. 77).

É o matema do fantasma ($\$ \diamond a$) onde o a tem a ver com o gozo e ao mesmo tempo com o lugar do mais gozar. Um a de duas vias (o resto que cai na operação que produz o sujeito e a causa do desejo). É a brecha por onde escapa o “Não existe relação sexual”, pois por mais que o sujeito esteja barrado ($\$,$ quer dizer a falta a ser) e o a venha a esse lugar (da falta), nunca será a resposta exata ou concreta.

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Sem confundir a histeria com o Discurso Histórico, Lacan se utiliza de Dora como exemplo suficiente para uma generalização. O Sujeito Barrado se dirige ao outro para produzir o que ela é como Verdade e como objeto causa do desejo do Outro. Mas nessa argumentação inicial Lacan adiciona ao matema um pequeno triângulo para indicar a impossibilidade que resulta dessa operação.

$$\frac{\$}{a} \xrightarrow{\Delta} \frac{S_1}{S_2}$$

Há aqui a armadilha, o engano proposto pela histórica, uma sedução ao identificar o lugar do Outro com o Saber. É grande a possibilidade do analista ser enganado e cair nessa armadilha, permitindo que a sedução entre em cena. É no Discurso do Analista que está a posição em que, ao se sustentar o engano, se evita cair na armadilha. É a posição do sujeito suposto saber que deve ser mantida a partir de que não tem (o analista) que acreditar que sabe só porque alguém suponha que saiba... Afinal de contas o não saber da histórica é o desejo de não saber. É uma busca permanentemente insatisfeita porque é o saber como enigma, pois trata-se de ser o objeto do Desejo do Outro. Por isso essa ambiguidade resultante da busca sobre o Desejo do Outro, ao mesmo tempo que evita um conhecimento definitivo.

Essa é a volta ao caso Dora que Yurevich assinala como a torção de Lacan no Seminário 17 ao marcar e esclarecer que *el padre es una invención neurótica. La caída del padre también, y por lo tanto se pone en consideración el mito edípico* (YUREVICH, 2012, p. 80). É daí que, junto com Freud, Lacan chega ao Pai imaginário (o idealizado, como em Dora), ao Pai simbólico (como em Moisés e o Monoteísmo) e ao Pai real (o de Totem e tabu). *La propuesta lacaniana es el padre como operador estructural de la castración, Substituye el mito de Edipo por la metáfora paterna* (Id., *ibid.*, p. 83).

No Discurso da Histórica o pai vai representar esse papel principal de Mestre, do saber. A função paterna introduz a lei e a ordem na psique, substituindo a relação inicial da criança com a mãe, operando a substituição desejo materno e permitindo a transição da criança para o mundo dos desejos, que são mediadas pela linguagem e pelas leis da cultura. Na histeria essa operação (Pai como Mestre/o Desejo da Mãe) deixa um não-saber como resto. Para Dora – para o seu não-saber – pela relação de seu Pai com Sra K., é ela quem sabe, sabe o que é ser mulher. Por isso a sua recusa quando o Sr K a trata como mulher. Por isso as históricas têm uma paixão pela verdade. *Pero Dora no se las arregla solita sino que denuncia por todos lados e a viva voz lo que el Sr K le había hecho* (YUREVICH, 2012, p. 78). Daí as históricas terem sido fundamentais para o estabelecimento e a promoção da Psicanálise e, por extensão, do papel e do lugar do analista.

Há alguma insensatez na experiência analítica. Um desatino desde o ponto de partida pela absoluta falta de resposta à pergunta sobre o que é um psicanalista. Exceto uma resposta (à guisa do Morcego de Hegel) que informa o analista como produto da experiência analítica, resultante de uma *operação insensata* como está no Seminário 17.

Insensata, de sentido comum tiene poco. Meterse en una experiencia analítica no parecería ser lo sensato. Tampoco encontramos una rápida respuesta a lo que queremos saber, y es inédita también, porque es lo más nuevo que hay. Realmente transforma al sujeto, solo que tal vez no en los tiempos que uno querría (YUREVICH, 2012, p. 86).

Insensatez porque não há pegadas a seguir para se tornar analista. Não há diplomas, o analista se autoriza por si mesmo e, acrescenta Lacan na sua “Proposição de 67”, perante uma instituição que o reconheça como analista ao final de sua análise. É necessário substituir a necessária idealização daquele que busca um analista pelo desejo de saber. *Usted venga, lo que produzca siempre será válido* (YUREVICH, 2012, p. 87).

En cambio [do Discurso do Mestre onde “está” o matema do fantasma $\$ \diamond a$], cuando se ha producido un analista, el fantasma está escrito al reverso, em el primer piso, a $\diamond \$$. Por lo cual no es posible decir que no es solo que el discurso del amo es el reverso del discurso del analista, sino o que se ha producido allí un efecto de torsión, Esta operación es inédita em el psicoanálisis (YUREVICH, 2012, p. 88).⁴

O par analítico deve sustentar-se por um laço que resiste à lógica da identificação pelo lado do analisante, exatamente porque o lado do analista só pode operar em um lugar não identificável. É isto que deve ser entendido como o analista “faz semblante” do que para o sujeito é o objeto *a*. Só dessa forma o verdadeiro pode surgir da experiência analítica apesar dos imprevistos e dos acidentes, a partir do momento conjuntural em que alguém procura um analista. O que esse alguém procura – e ainda não sabe – é a substituição de uma verdade mentirosa (que possui e/ou o possui) por um saber – que ninguém sabe, ao menos ainda – que no jogo entre enunciado e enunciação – mediado pelo analista – vai estar lá – ainda que não sabido – no inconsciente desse alguém.

En la práctica analítica encontramos que no siempre un sujeto que concurre a un análisis quiere saber. En la série de estos tres seminários resuena que cuando viene el paciente uno tiene que pensar al envés de lo que dice, aunque se lo diga en ese momento. Ese algo escondido que por un efecto de torsión va a salir a luz, lo que no se sabe es el secreto y el tiempo que se tomará el analizante para de-

4. Discurso do Analista:

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

cirlo. Lo cierto es que uno se deja tomarse em el engaño sin engañarse. Estamos ahí para que el analizante sepa todo lo que no sabe sabiéndolo, y eso es lo inconsciente (p. 92)

Tornar-se analista é ocupar o lugar de semblante do objeto *a*, não o que nos habita, mas o objeto *a* que está capturado no analisante, um por um. Por isso há a diferença entre o Desejo do Analista e o desejo de ser analista. *La idea de Lacan es que uno se vuelve analista porque no puede hacer ninguna otra cosa, incluso cuando se há dado la vuelta por otros discursos, se vuelve* (p. 94). É necessário poder suportar esse lugar, um por um, única forma do analista não passar de um mero recurso identificatório para seus analisantes. O analista, em seu ato analítico, pela palavra deve provocar uma virada no ser falante e isso é algo que não se ensina. O tornar-se analista passa pelos diversos atos analíticos (palavras, cortes, amputações no discurso etc.) que o seu então analista fez ressoar a partir de suas enunciações ainda sem enunciado ou de seus enunciados com enunciação sob alguma reserva.

Na última sessão de seu seminário, Yurevich faz um balanço do objetivo proposto: apresentar os três seminários em que Lacan trata de seus quatro discursos. Ela começa em março a partir da *cisão* para chegar ao *desapego* em outubro. Sabe que não conseguiu abranger tudo que está nos três Seminários e decide pontuar que o Discurso do Analista é uma exceção em relação aos demais, porque nele o objeto *a* está na posição de semblante, de domínio. Mas não é só isso. É também o momento em que entra em questão o fato de que em cada final sempre está um recomeço, especialmente porque quando se trata de Lacan e de Miller *nunca se da por concluido lo que podremos transmitir, enseñar...* (YUREVICH, 2012, p. 97). Dessa forma, sua breve revisão do que apresentou nos encontros anteriores está lá para enunciar os novos temas para os quais partirá o ensino de Lacan, a saber: o estatuto vazio do objeto *a*; as fórmulas da sexuação, a clínica do não-todo, os Nomes do Pai, o *sinthoma* etc.

O *desapego* (o necessário encerrar para que algo novo comece) implica

El objeto, tal como Lacan lo plantea, es un desecho. Es, em el fondo, abyecto, un objeto de aversão, de repulsión, de asco, es casi el grado extremo de rebajamiento y allí es el lugar del analista y desde allí se ubica como objeto causa do desejo (YUREVICH, 2012, p.102).

Em bom português, trata-se das causas, percursos e efeitos da dialética que faz girar o par objeto/abjeto. Ainda mais, o *desapego* é a posição que con-

vém ao analista, tendo em vista que sua ação consiste em des-pregar o significado do significante. O desnudamento por meio do ato analítico.

Es encontrar esse no saber que se quiere decir para el outro, cuando se han realizado todos los esfuerzos, cuando se han golpeado las puertas hasta que se abran y luego se la vuelve a cerrar despaciio sin hacer ruido siendo ya outro para uno mismo, conservando el secreto, lo real, lo que perdura. (p.105)

Os quatro excursos

Há também, no volume, quatro textos apresentados como Anexo que consistem em uma intervenção de Yurevich realizada um ano após o “encontro do desapego” e da degravação de três contribuições de colegas que fizeram parte do “seminário da trilogia” ao longo seu tempo de realização.

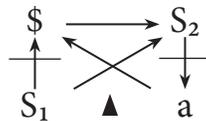
Yurevich apresenta ao Departamento de Política y Psicoanálisis do CIEC sua resposta ao convite para comentar dois textos: Império de Negri & Hardt e Una fantasia de J-A Miller. Em relação ao primeiro sugere que a erudição dos argumentos fundametais chega apenas a uma nova religião, ainda que laica: *La via, el camión que proponen, está ordenada por la via del Padre* (p.111). O segundo comentário trata do apogeu, nos tempos atuais, do objeto a, especialmente no Discurso da Civilização, uma mutação, um reverso do Discurso do analista:

| | |
|-----------------|---------------------|
| Domínio | Outro |
| Mais Gozar | Isso Fala |
| a | \$ |
| Verdade/Mentira | Produção |
| | Avaliação homogênea |
| S1 | S2 |

A prática lacaniana precisa se defrontar com essa ditadura o Mais Gozar por meio da dimensão do Real faltoso, *donde la relación de los sexos entre sí se volverá cada vez más imposible, uno-está-totalmente-solo* (YUREVICH, 2012, p. 114.)

El “no hay relación sexual, balancea el hay saber em lo real” [citando Miller]. La práctica lacaniana es el principio de una práctica donde los síntomas non son transtornos, desórdenes, porque em esse punto no hay orden, el saber em lo real no dicta su ley. Los síntomas son síntomas de la no relación sexual, lo que significa que estan articulados em significantes, no son mensajes, son signos de puntuación de lo no hay relación sexual. Si son signos, los síntomas hay qye abordalos de otro modo puesto que non cesan de escribirse (p. 115)

Em 21 de abril, Beatriz Gregoret se detém com mais atenção sobre um quinto discurso, o do Capitalista, apresentado por Yurevich no encontro imediatamente anterior:



Lacan não o considera como sendo um discurso em si mesmo, mas uma mutação no Discurso do Mestre em que a castração é tapada pela quantidade de objetos que o mercado produz. Mas aqui esse discurso abre portas para o avesso da família que passa a ser definida a partir da colocação da criança como objeto a, quer dizer mais um produto, um objeto de luxo *al contrario del planteo freudiano que decia que el niño venía al lugar del ideal de los padres* (p. 118). Daí para a frente passa a discorrer sobre como isso afeta o tratamento das crianças contemporâneas nessa nova metáfora paterna com os Nomes do Pai pluralizados.

Em outra sessão, Sonia Mankoff debate as questões que envolvem o saber e o poder a partir das peculiaridades que aproximam o Discurso do Mestre ao Discurso Universitário. Mas aponta que se o primeiro é o discurso do inconsciente, o segundo fica fora da clínica, especialmente porque aqueles que o escutam só o podem fazer na posição servil. Isso é um fato da estrutura em que o saber ocupa o lugar de verdade. *Toda pregunta por la verdad resulta aplastada* (p. 136).

Para finalizar, Alejandro Willington trata da histericização do discurso. O sujeito procura tratamento a partir do discurso do inconsciente, quer dizer, sob o Discurso do Mestre, o discurso em que se define a primeira relação do sujeito com a cadeia significante. O começo da análise é quando se produz um quarto de volta no matema completo, uma abertura própria que Lacan chama de histericização. É uma mudança de estrutura, portanto uma descontinuidade promovida pela experiência analítica.

Analizante es aquel que frente al discurso de su inconsciente – el amo de la cadena inconsciente – le introduce, por un forzamiento propio del dispositivo analítico, un deseo del cual el saber será su producto, y por el cual el sujeto, que hasta ahora em el discurso del amo permanecía oculto bajo la barra como función, emerge y toma el comando de la experiencia. (p. 143)

Desde as entrevistas preliminares deve-se ter muito cuidado no diagnóstico e na localização da estrutura, pois mesmo nos *neuróticos de lo más confiables*, nada asegura que el sujeto consienta esse pasaje de apertura del inconsciente, de *histerización discursiva* (p. 145).

O que é uma resenha?

De partida podemos isolar o prefixo “re” (que significa de novo, outra vez etc.) da palavra e temos a raiz “senha”. Senha é um sinal que regula o acesso: o permite ou o proíbe (seja o assunto um arquivo no computador, uma conta bancária, para além do uso mais antigo relacionado a passagem de tropas para uma fortaleza ou trincheira). Uma resenha pode ser uma forma nova de se permitir ou de impedir o acesso ao texto.

Mas a etimologia informa que a sua origem é o latim “resignar” que quer dizer resumir, escrever de novo, reorganizar com algum detalhamento os signos de um texto. Mas não posso deixar de apontar a leve semelhança com a palavra francesa (língua de Lacan e Miller) “*réseau*” traduzível por rede e, no caso, rede de significantes. Uma rede que como tal, deixa passar ou segura as coisas que chegam à sua trama e, para cada um, o padrão de pontos que cria a malha vazada será diferente, nada passa por igual, pois cada um tem a sua própria tessitura. O importante é que qualquer malha, mesmo filtrando, deixe passar mistérios.

Além disso, indico também a convergência que há entre resenha e a palavra em espanhol “*resuena*”, o ressoar. Em síntese, ressoa no presente texto o ressoar em Yurevitch (e em seus colegas de Córdoba) do que trataram Lacan e Miller sobre os quatro discursos. A qualidade dessa resenha (bem como de qualquer outra) está no quanto o resumo que apresenta é sinal que permite ou que impede o acesso aos textos originais sem que esses se convertam na possibilidade da tirania do saber. Redigida com a estrutura do Discurso Universitário, uma resenha se converte em mapa com sua nítida rosa dos ventos e acompanhada por bússolas... É a ficção da certeza de um ponto final, um todo

satisfatório. Por isso Yurevich em sua sessão final aponta que, em Psicanálise, um bom final precisa levar a um melhor recomeço.

Para além da erudição sobre os quatro discursos, o que ressoou com mais intensidade neste leitor foi a questão da necessária orientação daquele que ensina/transmite Psicanálise na posição de analisante. A erudição é o risco do saber para o poder, para o domínio. A erudição é própria ao Discurso Universitário e não passa de eufemismo para astudado. Quem se propõe à transmissão e ao ensino de Psicanálise não deve fazê-lo a partir da pergunta “O que é, deve ser, um analista?”, pois ter uma resposta para isso é se tornar astudado e, portanto, seu ensino só resultará em identificação, em astudantes...

Não que este redator já sabe o que seria ocupar a posição de analisante para o ensino, mas que essa é uma questão que passou a fazer parte das suas preocupações. Uma pista para isso pode ser encontrada no contraponto dialético entre a Coruja de Minerva (que segundo Hegel só alçava voo no crepúsculo, metáfora para que a história só se conhece depois de acontecida) e o Morcego de Hegel (que só voa à noite, no escuro até ser interrompido pelo amanhecer) usado por Lacan como metáfora para o ensino e para a prática da Psicanálise como modelos de estrutura para o discurso do ensinante.

Se nessa resenha ressoam o Discurso do Mestre/Discurso Universitário ou se foi ensaiada a posição de analisante para a sua elaboração é uma decisão que fica a cargo da rede de leitores que terá acesso a ela.⁵

5. O trabalho carinhoso de primeira leitora realizado por Ramona Palieraqui resultou em uma versão um pouco melhor desse texto. Sou muito grato a ela por essa dedicação. Da mesma forma agradeço os matemas redesenhados por Juliana Sobreira Fidelis.